

A Nova Geopolítica Russa e o Eurasianismo

Danilo Rogerio de Sousa¹

Resumo

O movimento eurasiático acompanha a reemergência da Rússia enquanto ator geopolítico que busca um novo ordenamento das relações internacionais. Esse novo pensamento geopolítico russo valoriza o fortalecimento do Estado Russo e a ampliação de sua área de influência, sobretudo no que se denomina de Eurásia, demonstrando assim o deslocamento geográfico da antiga área de influência soviética – o então Leste Europeu – para a Ásia Central.

Palavras-chave: Rússia; Eurasianismo; Ásia Central.

Introdução

Com o final da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), de sua ideologia comunista e de seu respectivo espaço geopolítico de influência, a Rússia precisou reposicionar-se no cenário geopolítico de uma maneira distinta, uma vez que antigos aliados estavam, agora, sob a esfera geopolítica da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Com exceção da Bielorrússia e da Ucrânia (esta última devido a um receio de uma divisão do país, uma vez que a porção oriental é composta por grande população russófona), os demais países que compunham o antigo “Leste Europeu”, estavam, agora, sob o domínio da Aliança Ocidental.

Entretanto, após o que chamamos de “*vácuo geopolítico*” – o período que vai do colapso da URSS, em 1991, até a eleição de Vladimir Putin, em 1999 – a Rússia voltou ao cenário geopolítico internacional, desta vez, com pretensões e propostas bastante distintas daquelas do Império Soviético. Tais ideais só ganharam corpo após a subida ao poder de Vladimir Putin e continuaram com o presidente Dmitri Medvedev.

Esse novo pensamento geopolítico russo valoriza o fortalecimento do Estado Russo e a ampliação de sua área de influência, sobretudo no que se denomina de Eurásia, demonstrando assim o deslocamento geográfico da antiga área de influência soviética – o Leste Europeu – para a Ásia Central. O crescimento dos laços russos com os países da Ásia Central (Cazaquistão,

¹ Geógrafo pela USP. Mestrando em Geografia Humana (FFLCH-USP).

Uzbequistão, Turcomenistão, Tadjiquistão e Quirguistão) e do Cáucaso (Armênia), revelamos o estabelecimento de um novo eixo geopolítico. Ademais, promove fortes relações econômico-militares com países como Irã e Índia e concretiza a Organização para Cooperação de Xangai (SCO)² – constructo geopolítico que poderá se tornar a maior aliança estratégico-geopolítica desde a criação da OTAN –, que torna evidente que a Eurásia será o novo palco geopolítico do século XXI, com clara intenção russa de dominá-lo geoestrategicamente.

O período pós-soviético

Após o colapso soviético, a Rússia precisou se reposicionar no sistema internacional. Seus antigos aliados no Leste Europeu, caíram sob o domínio da OTAN³.

Herdeira do aparato militar da antiga URSS e detentora ainda do maior território do planeta, a Rússia viveu de 1991 a 1998 numa espécie de “*vácuo geopolítico*”, onde não tinha ao certo uma orientação ideológica e/ou geoestratégica definida.

O então presidente Boris Yeltsin assumiu uma postura de cooperação com o Ocidente, defendendo a aliança da Rússia com as potências ocidentais e tomando medidas que visavam implementar os valores pregados pelo Ocidente⁴. Yeltsin, assim como o ex-líder soviético Mikhail Gorbachev⁵ – que possuíam uma relação política muito estreita – acreditava que a Rússia deveria apagar definitivamente qualquer postura que fizesse lembrar a extinta URSS. Por isso, não estavam preocupados em manter ou estender áreas de influência geopolítica, acreditando na inserção da Rússia no mundo capitalista neoliberal dominante na década de 1990. Segundo Santos (2004), acreditavam que somente a cooperação da Rússia com a comunidade internacional poderia garantir a segurança e a prosperidade do país.

O governo de Yeltsin manteve-se no poder em meio à readaptação da economia russa à economia de mercado de uma maneira bastante frágil, com escândalos de

² Disponível em: <http://www.sectesco.org/EN/>

³ Os países bálticos (Letônia, Estônia e Lituânia) aderiram à União Europeia e à OTAN, assim como grande parte dos países do antigo bloco da “Cortina de Ferro”.

⁴ A universalização da democracia e o livre comércio.

⁵ Gorbachev liderou o processo de abertura política (*glasnost*) e econômica (*perestroika*) que redundaria no fim do comunismo e na desintegração da URSS.

corrupção, desajustes econômicos, desmonte dos parques industriais estatais e um forte sucateamento das forças armadas.

De acordo com Teixeira (2008), esse grupo político que dominou a política russa sob a tutela de Boris Yeltsin pertencia ao que se denominou de *Escola Internacionalista-Idealista*, grupo este comprometido em aplicar os valores ocidentais na realidade russa. Somente a partir de 1998, após a grande crise financeira que praticamente levou à falência a nova economia russa, é que surgiu na política russa uma nova postura em relação aos rumos que a Rússia deveria tomar.

Para o grupo denominado de *Escola Realista*, a interpretação da realidade russa e as posturas adotadas pelo Estado Russo no período Yeltsin eram equivocadas (TEIXEIRA, 2008). Esse grupo era composto, em sua maioria, por antigos membros da burocracia soviética e por segmentos do Partido Comunista, tendo grande influência do pensamento soviético. Acreditavam no poder como instrumento de controle e equilíbrio, em detrimento da cooperação internacional. Por isso, acreditavam que a Rússia deveria continuar a desenvolver suas potencialidades militares para equilibrar a balança internacional de poder com os Estados Unidos.

Os realistas russos perceberam que os EUA não desejavam coexistir com o gigante eurasiático russo e buscava atrair as ex-repúblicas soviéticas para o seu lado⁶: “Esta corrente de pensamento percebia o ambiente externo hostil aos interesses russos e que a dissolução da URSS foi consequência das ações premeditadas e bem planejadas pelo mundo ocidental.” (TEIXEIRA, 2008, p. 135).

Possuíam uma visão geopolítica mais refinada e aprimorada que os internacionalistas de Yeltsin e Gorbachev, afirmando que a Rússia deveria considerar uma aliança com a China e o Irã como sendo alternativa geoestratégica à dominação ocidental na Eurásia (TEIXEIRA, 2008).

A Índia, maior compradora de armamento russo, deveria ser uma aliada estratégica da Rússia, pois sua localização geográfica e esquadra posicionada no Índico poderiam ser um forte contraponto à dominação norte-americana.

⁶A implantação da base norte-americana em Manas, no Quirguistão, é o exemplo factual dessa teoria.

Os realistas, assim, demonstravam uma maior clareza de entendimento geopolítico e analisavam a situação russa à luz das novas realidades surgidas após o fim da URSS, e não apenas decretavam o fim da Rússia como potência como fizeram os internacionalistas.

Outra escola de pensamento geopolítico russo é a dos *Expansionistas Revolucionários*. Essa escola representa o setor de extrema-direita do cenário político russo. Assim como os realistas, defendem que a expansão é o melhor caminho para se garantir a segurança. Ademais, advogam as teorias geopolíticas clássicas de H. Mackinder, K. Haushofer e A. T. Mahan: “Na visão expansionista, o sistema mundial permaneceria sendo bipolar, onde se confrontariam dois grupos rivais geopolíticos: o Atlantismo e o Eurasianismo.” (TEIXEIRA, 2008, p.136).

Em comparação com a escola internacionalista, realistas e expansionistas possuem uma ótica hobbesiana do sistema global, onde a anarquia nas relações entre os Estados e a competição entre os mesmos seria a regra geral. Enquanto que a escola idealista é kantiana, e advoga que a cooperação no sistema internacional é o sustentáculo do mesmo.

Para Teixeira (2008), com o surgimento das escolas realista e expansionista revolucionária, surge na Rússia uma nostalgia imperial e um ressentimento antiocidental:

(...) a Rússia é detentora de uma posição geopolítica ímpar e que, por isso, deve ser defendida, tanto como sustentáculo a restauração do antigo espaço soviético e a civilização eurásiana. (TEIXEIRA, 2008, p.136)

A Rússia pós-Putin

Em dezembro de 1999, Vladimir Putin assume a presidência da Rússia e dá início ao ressurgimento da Geopolítica Russa. Basicamente, depois de 1999, o pensamento geopolítico russo se estruturou em duas grandes escolas antagônicas: os Ocidentalistas e os Eurasianistas.

A *Escola Ocidentalista* é composta, sobretudo, por membros da antiga escola internacionalista-idealista, também chamados de internacionalistas liberais. Dmitri Trenin é o nome de maior destaque na escola ocidentalista, e afirma categoricamente que o papel histórico da Rússia no espaço eurasiático deixou de existir. A identidade russa, segundo Trenin, está a meio caminho dos imperativos da globalização e das aspirações nostálgicas de domínio da Eurásia (TEIXEIRA, 2008; MARCU, 2007).

Trenin não acredita no multiculturalismo da Rússia e defende que a identidade russa seja desenvolvida segundo os valores puramente europeus. Vê como ameaça aos países islâmicos da Ásia Central, e considera, particularmente, o Afeganistão como uma ameaça para a segurança da Rússia (MARCUS, 2007). Advoga que os EUA são a única potência geopolítica na Eurásia, fazendo coro às ideias de Zbigniew Brzezinski:

Os Estados Unidos devem manobrar com os principais atores geoestratégicos da Eurásia (França, Alemanha, Rússia, China e Índia) fazendo com que sua superioridade global tenha longevidade e estabilidade. (BRZEZINSKI, 1997, n.d.).

A Escola Ocidentalista é considerada antinacionalista e uma resposta liberal aos dois últimos governos russos: de Vladimir Putin e Dmitri Medvedev (MARCUS, 2007).

Efetivamente, Trenin sustenta que a Rússia deve assumir a dura realidade do papel preponderante dos Estados Unidos na Eurásia se deseja ter um futuro (MARCUS, 2007). A análise de Trenin, segundo a professora Silvia Marcu, incluem matizes de russofobia.

Existem três realidades russas que ‘incomodam’ os EUA, e os analistas pró-Occidentais, dentre os quais se inclui o pensamento de Trenin: em primeiro lugar, a autoridade interna do presidente russo⁷; em segundo lugar, a consolidação da independência da Rússia no

7 “A democracia consolidada por Putin é verdadeira. A consolidação do Estado sobre os meios de comunicação e a modificação sobre a legislação que regia os partidos políticos são realidades incontestáveis. Não obstante, há que se levar em conta a falta de experiência da Rússia em matéria de democracia, o caráter autocrático do poder russo (imperial ou soviético) e o fato de que a democracia é uma lição que os Estados ocidentais aprenderam ao longo da história, enquanto que a Rússia ainda carece dessa tradição”. (MARCUS, 2007, n.d.).

cenário internacional e, por último, o crescente papel de Moscou como provedor de recursos energéticos. (MARCU, 2007, n.d.).

No quesito recursos energéticos, suas exportações representam o novo vetor da política exterior da Rússia. A crise do gás em 2006 e 2007, fez com que a desconfiança do Ocidente aumentasse frente ao gigante russo. Após a crise, as autoridades do Kremlin retificaram a situação ampliando o número de clientes e adquirindo novos sócios e relações com a União Europeia, que tem preferido, por hora, cooperar com a Rússia no âmbito da prospecção, extração e transporte do gás e do petróleo⁸ (MARCU, 2007).

Já a *Escola Eurasianista* tem como seu principal ideólogo Aleksandr Dugin, professor da Universidade Estatal de Moscou e fundador do Movimento Eurásia⁹, um organismo de caráter partidário que defende as tradições culturais russas e sua peculiaridade geopolítica em contraposição à modernização ocidentalizadora da globalização.

Dugin parte do princípio da Teoria do Poder Terrestre, elaborada pelo geógrafo britânico Halford J. Mackinder, em 1904, de que quem controlar o *heartland* controlará o mundo. Afirma que a geopolítica internacional ainda vive do confronto de potências terrestres (Continentalistas) e potências marítimas (Atlantistas).

Assim como o célebre geopolítico norte-americano Zbigniew Brzezinski, Dugin acredita que o centro do mundo é a Eurásia e, por isso, a Rússia tem que ser o centro da Eurásia (TEIXEIRA, 2008) e que, a posição geográfica e os recursos naturais permitirão garantir a soberania russa e a sua segurança e estabelecê-la, novamente, como potência global.

As ideias de Dugin são essencialmente antiocidentais. Segundo ele, a globalização pretende universalizar o pensamento ocidental, representando a unificação de diferentes estruturas sociais, políticas, econômicas, étnicas, religiosas e nacionais em um só sistema. É a imposição do paradigma Atlântico (SANTOS, 2008).

⁸ A Alemanha construiu em sociedade com a Rússia o enorme *pipeline* sob o Mar do Norte (*North Stream*), tornando o fornecimento de gás independente das linhas que atravessam os territórios da Ucrânia e da Polônia. A Itália também celebra a sociedade da construção do *pipeline* sob o Mar Negro (*South Stream*) que atravessará pelos territórios da Bulgária, o norte da Grécia e sob o Mar Adriático, chegando à Itália sem interferências por parte da Turquia.

⁹ Disponível em: www.evrazia.org

O *Neo-urasianismo*, como também é conhecida a Escola Eurasianista, nega o sistema da globalização e o universalismo do Atlantismo, protegendo, segundo o pensador russo, a diversidade de valores estruturais existentes no mundo. Geopoliticamente, o neo-urasianismo advoga a ideia de um mundo multipolar e rejeita o universalismo dos valores democráticos e do liberalismo econômico.

O neo-urasianismo é uma reformulação do Eurasianismo, movimento político que surge na década de 1920 como resposta aos movimentos eslavófilo e ocidentalista do séc. XIX. Seus fundadores foram o linguista Nikolai S. Trubetskoy, o historiador Peter Savitsky, o teólogo G.V. Florovsky e o geógrafo e filósofo Lev Gumilev.

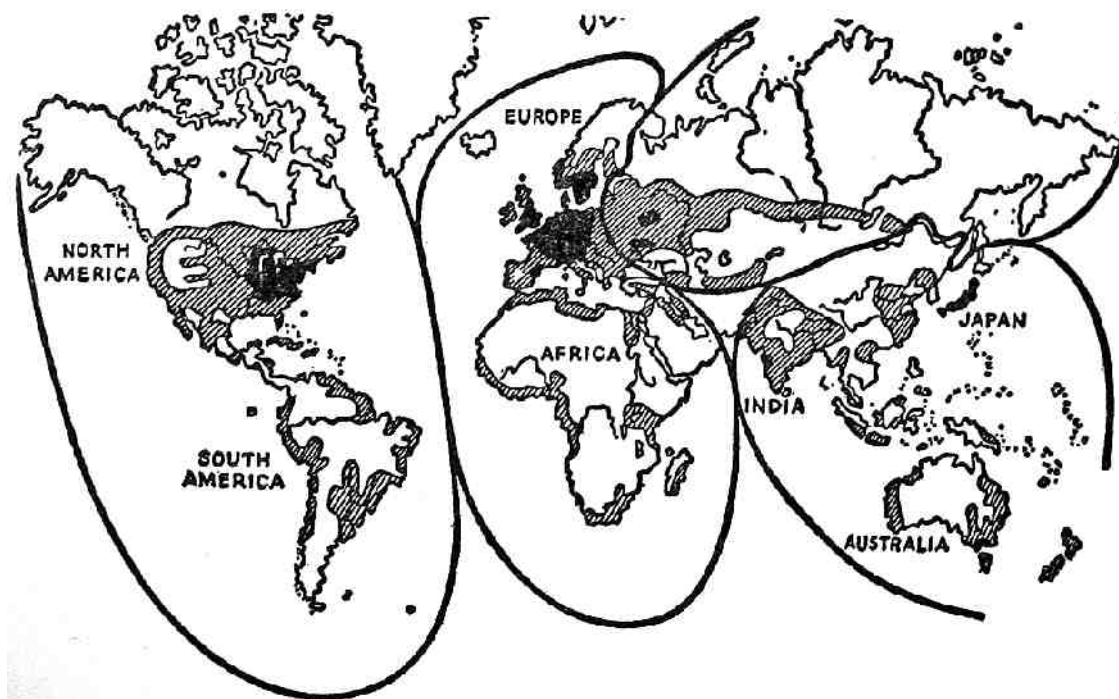
Diferentemente do eslavófilos, os eurasianistas não pregavam a superioridade cultural dos povos eslavos (paneslavismo), mas defendiam uma luta multicultural dos povos da Eurásia contra o Ocidente. O eurasianismo também se diferenciava do eslavofilismo devido a sua noção de territorialidade e de espaço; segundo Nikolai S. Trubetskoy:

(...) o substrato nacional do antigo Império Russo e da atual URSS, só pode ser a totalidade dos povos que habitam este Estado, tido como uma nação multiétnica peculiar e que, como tal, possuía o seu próprio nacionalismo. Chamamos a esta nação Eurasiana, o seu território de Eurásia e o seu nacionalismo de Eurasianismo. (*apud* SANTOS, 2004, p. 4).

O neo-urasianismo é um projeto estratégico, geopolítico e de integração econômica do norte do continente eurasiático. Suas bases ideológicas atestam que a Rússia pós-soviética, para dominar o espaço eurasiático, necessita construir um Estado multiétnico e multireligioso, promover alianças no plano externo e reforçar o estabelecimento de eixos geopolíticos estratégicos, tais como os eixos Berlim-Moscou, Moscou-Teerã e Moscou-Pequim.

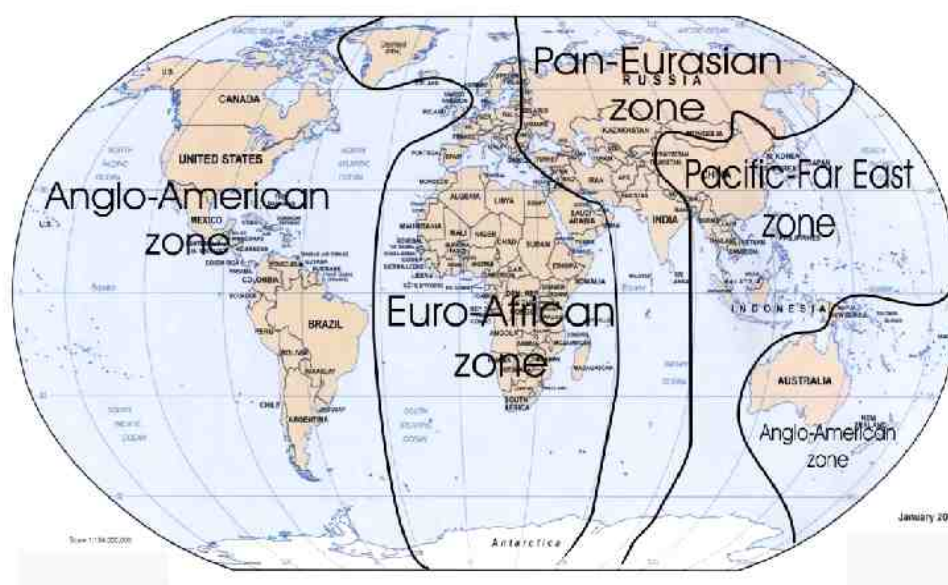
O projeto estratégico do neo-urasianismo é similar à Teoria das Pan-Regiões de Haushofer, dividindo o mundo em 4 regiões geopolíticas: a) Anglo-americana; b) Euro-africana; c) Pan-urasiana; e d) Zona do Pacífico (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - As Pan-Regiões de Karl Haushofer



Fonte: Euro-synergies.10

Figura 2 - O mundo segundo os eurasianistas



Map of multipolar world. Four zones - four poles

Fonte: www.evrazia.org

10 Disponível em: <http://euro-synergies.hautefort.com/archive/2011/08/14/geopolitics-of-leviathan.html>

O projeto de Dugin visa fortalecer o poder da Rússia na Eurásia, a partir de uma postura cultural e geopolítica distinta do Ocidente. Esse projeto ganha força a partir dos governos Putin e Medvedev. Dugin é categórico ao afirmar que a Rússia está de volta ao jogo internacional e deseja reencontrar-se com seus grandes momentos de glória (SANTOS, 2004). Dessa forma,

A Geopolítica do século XXI se apresenta da mesma maneira que a geopolítica do poder do início do século XX, pelo menos para os russos. A disputa entre o poder marítimo (Mahan) e o poder terrestre (Mackinder e Haushofer) está retornando e, se depender da vontade dos atuais líderes da Rússia, estará cada vez mais presente. (TEIXEIRA, 2008, p. 142).

Quando comparada à teoria das pan-regiões de Karl Haushofer, o projeto geopolítico de Dugin não deixa de apresentar semelhanças importantes. Os espaços de poder estão dispostos verticalmente nos mapas (Figuras 1 e 2), e não horizontalmente. É possível afirmar, cartograficamente, que, embora tenha uma proposta de equilíbrio de poder global baseado em um sistema internacional multipolar, Dugin ainda mantém a velha concepção imperial de domínio do Norte em relação ao Sul.

Considerações finais

Diante do exposto, é evidente que a Rússia está diante de uma nova realidade geopolítica. Apesar da perda de antigos aliados, há uma nova configuração de poder geopolítico em marcha na Eurásia. A Organização para Cooperação de Xangai (SCO) talvez seja o grande constructo institucional dessa realidade, reafirmando as teorias geopolíticas clássicas – sobretudo de Mackinder – de que a lógica poder terrestre *versus* poder marítimo ainda fazem parte da disputa geoestratégica do planeta.

O Eurasianismo na Nova Rússia corresponde ao ressurgimento geopolítico do “Grande Urso”, constituindo-se na explicação teórico-geopolítica mais afinada à realidade russa atual. A herança do *heartland* mackinderiano é determinante nessa abordagem geopolítica atual, e o Eurasianismo a canaliza em suas proposições.

Saber se a Rússia voltará a ter o peso geopolítico que tinha a URSS é ainda um tanto prematuro, mas não se pode negar que territorialmente, militarmente,

econômicamente e cientificamente, o papel da Rússia ainda será determinante na História e na Geopolítica do planeta.

Referências

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American primacy and its geostrategic imperatives**. Nova Iorque: Basic Books, 1997.

KISSINGER, Henry. **La Diplomacia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MARCU, Silvia. *La Geopolítica de la Rusia postsoviética: desintegración, renacimiento de una potencia y nuestras corrientes de pensamiento geopolítico*. **Revista Scripta Nova**, vol XI, nº 253. Universidad de Barcelona, 2008.

MELLO, Leonel Itaussu A. **Quem tem medo da Geopolítica**. São Paulo: Edusp/Hucitec, 1999.

SANTOS, Eduardo Silvestre dos. *O Eurasianismo na Nova Geopolítica Russa*. **Jornal Defesa e Relações Internacionais**. Lisboa, 2004.

_____. *A Geopolítica Russa: de Pedro o Grande a Putin, a Guerra Fria, o Eurasianismo e os Recursos Energéticos*. **Revista Militar**, Lisboa, 2008.

TEIXEIRA, C.C. José Achilles A. J. *O Pensamento Geopolítico da Rússia no Início do Século XXI e a Geopolítica Clássica*. **Revista da Escola de Guerra Naval**, nº 13, Rio de Janeiro, Marinha do Brasil, 2009.

Sítios da Internet

Euro-synergies: <http://euro-synergies.hautetfort.com/>

Portal Evrazia: www.evrazia.org

Recebido em Abril de 2012.

Publicado em Julho de 2012.